



O Humanismo empresarial responsável e funcional

Lilian Werner Philippi da Silva¹

Resumo: O homem empreendedor busca continuamente aperfeiçoar aquilo que faz e produz, é o seu grande desafio. Diante disto, se traz a cultura e o conhecimento de alguns homens, tidos como Santos, e que foram expoentes na Cultura Humanista: São Bento de Núrsia, São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão, sob uma ótica de empreendedorismo, buscando elucidar a história de vida de cada um deles e a sua contribuição para uma lógica vencedora empresarial. Através do presente estudo se verificou que é possível utilizar o conhecimento monástico (de modo laico) para incrementar a própria vida e negócio na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: empreendedor; monástico; lógica empreendedora.

The responsible and functional business Humanism

Abstract: The enterprising man continually strives to improve what we do and produce, it is your challenge. Given this, it brings the culture and the knowledge of some men, taken as saints and who were exponents in Humanistic Culture: St. Benedict of Nursia, St. Francis of Assisi and St. Dominic, under an optical entrepreneurship, seeking to elucidate the life story of each one and their contribution to a winning business logic. Through this study it was found that it is possible to use the monastic knowledge (of secular mode) to increase the life and business in contemporary society.

Keywords: entrepreneur; monastic; entrepreneurial logic.

¹ lilianphilippi@yahoo.com.br

1 Introdução

Hoje, em pleno século XXI, temos uma miscelânea de culturas, conhecimentos, atitudes, o mundo é bombardeado por informações a cada instante, vivemos em uma superficialidade que nos conduz a um desencontro com nós mesmos, e podemos assim, nos questionar como é possível, neste meio em que vivemos encontrar a nós mesmos, crescer, progredir e através do próprio progresso auxiliar outros? Antonio Meneghetti nos seus livros *“Arte, sonho e sociedade”* e *“Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene”* faz uma retomada aos pontos cardeais do Humanismo Perene e aos fundamentos do Humanismo Empresarial. Com isto o autor aborda a história de três homens, tidos como Santos, e que foram expoentes na Cultura Humanista: São Bento de Núrsia, São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão, e como podemos usar o conhecimento de cada um deles, de modo extremamente laico, para mantermos o foco e possibilitar o crescimento em nossas vidas, empresas e negócios.

Desta forma o objetivo geral deste trabalho consiste em abordar a história dos três santos e o princípio de cada um deles. Sendo assim, percorre-se os seguintes objetos específicos: 1) Apresentar a história de vida (de modo resumido) de cada santo e o seu princípio norteador correspondente; 2) Elucidar como cada santo utilizava seu princípio norteador de forma prática.

A escolha por este tema deu-se pela curiosidade da autora, sendo ela uma empresária, a mesma achou interessante o aprofundamento deste conhecimento e também pela importância de servir de auxílio para pesquisas posteriores ou um auxílio para empresários que, como a autora buscam o próprio desenvolvimento pessoal e empresarial.

O presente artigo apresentará uma breve fundamentação teórica sobre o tema escolhido, o método utilizado, as discussões e por fim as considerações finais acerca da pesquisa realizada.

2 Fundamentação Teórica

2.1 O Monastério

Os monastérios existem há muito tempo, e ainda hoje deixam o seu legado no mundo. De acordo com Meneghetti (2015):

A primeira abadia que se tem notícia foi fundada em torno de 320 por Pacômio (292-348), santo egípcio que reuniu a primeira comunidade

de monges cenobitas (do grego κοινος = comum e βιος = vida, portanto, “vida em comum”; cenóbico = monastério). Monge do grego “μονος” = um só, significa “aquele que vive a sós” e o monastério é o lugar onde habitam aqueles que vivem a sós (MENEGHETTI, 2015, p. 116).

Os monastérios eram sempre posicionados em lugares na natureza distantes das cidades, lugares de extrema beleza, porque nas cidades que existiam na época eram lugares de depravação que os monges não suportavam, pois o povo possuía uma ‘sujeira que higienicamente não se tolerava’, desta forma eles se retiravam para lugares mais afastados. E nestes lugares em que se instalavam, cultivavam as terras que estavam tornando-se selvas ou davam aos colonos que habitavam próximo para cultivar. Era muito comum as famílias irem morar próximo aos monastérios, pois ali, recebiam educação, proximidade com Deus e segurança. Os monges possuíam um vasto conhecimento no que tangia à produção, conservação e estocagem dos alimentos, conhecimento na área da construção, pergaminhos e impressão de livros. “...O monaquismo, especialmente o beneditino, interessava-se por toda a economia, tanto a particular quanto a mais geral...” (MENEGHETTI, 2015, p. 116).

Nos locais em que surgiam os monastérios a riqueza aumentava, e esta riqueza era destinada ao monastério, ou seja, a abadia crescia e aumentava e isto expandia-se em bem-estar, civilização, estudo e arte. Nos dias de hoje (séc. XXI), em parte se perdeu esse tipo de economia, mas anteriormente o monaquismo na Europa era muito atento a todos os detalhes e particulares, da medicina à estética, da boa comida à boa cozinha e etc. “O conceito mais elevado de economia como referência de possibilidade de exercício da pessoa espiritual na riqueza é o monastério beneditino” (MENEGHETTI, 2015, p. 118).

Nos monastérios a economia era avançadíssima, pois, tinham uma conexão com todos os mercados e feiras conhecidas e desta forma, vendiam o excedente da produção e compravam aquilo que lhes era necessário. Faziam comércio com os árabes para a compra de tecidos e também, com todos aqueles que pudessem fazer um bom negócio, sendo desta forma o monastério uma segurança de mercado. “Todos os grandes monastérios sérios mantiveram essa contemporaneidade até 1300/1400, com pleno respeito a todos os soberanos do mundo” (MENEGHETTI, 2015, p. 119). “...O monastério era um pouco a ponta e o baricentro da economia que funcionava” (MENEGHETTI, 2015, p. 120).

A civilização beneditina, em especial, se nos colocarmos à distância à observá-la, se verifica que a mesma possui um eixo portante, uma lógica que pode vir a ser estudada pelo empresário de hoje. Para os monges era clara a ideia de enriquecer o monastério, pois isto os levava a construir bem a si mesmos e a produzir um bem para ajudar e proteger os outros, desta forma ensinavam aos outros uma cultura de uma civilização elementar de medicina, higiene e de saúde. “Era um ciclo contínuo entre homem, inteligência e natureza” (MENEGHETTI, 2015, p.121).

2.2 São Bento de Núrsia

Bento de Núrsia nasceu em Núrsia em 480, tinha uma irmã gêmea Santa Escolástica, era de uma rica família romana, o seu pai era um capitão geral e a mãe uma condessa. Aos 12 anos de idade juntamente com a sua irmã, foi enviado à Roma. Nesta ocasião o mesmo ficou desconcertado e assim, retirou-se para a vida monástica em Subiaco, vivendo como eremita em uma gruta e depois em Vicovaro, como guia de outros monges, sofrendo neste local uma tentativa de envenenamento, decidindo desta forma retornar à Subiaco. Em Subiaco permaneceu por trinta anos, aonde os seus discípulos aumentavam continuamente, formando assim uma comunidade formada por trinta monastérios, todos com um abade e doze monges, sob sua guia espiritual.

Em 529, São Bento sofre duas tentativas de envenenamento, sendo uma física (através do pão envenenado) e outra de forma moral (através das prostitutas enviadas por um padre chamado Florêncio, ficando claro desta forma a hostilidade do clero local que estava privado de fiéis e entradas econômicas). Levando-o a abandonar Subiaco por Cassino, onde fundou o Monastério de Montecassino.

Por volta de 540, São Bento compôs a célebre regra beneditina ou a Regra da Ordem de São Bento, esta é composta por um prólogo e 73 capítulos. “Pelo seu espírito de equilíbrio, sabedoria e serenidade interior, unido a uma capacidade ‘normativa’ universal, ficou escolhida como a regra por excelência de todo o monaquismo cristão” (MENEGHETTI, 2015, p. 123). Morreu em Montecassino em 547.

O empresário ao ler e usar a regra beneditina deve estar pautado sob o aspecto da organização monástica que produz economia e civilização e não a mentalidade religiosa, pois, através da organização do monastério pode se aprender a ideia de como dar sobrevivência à empresa por um longo período ou como organizar um pensamento vencedor para si mesmo e para seu negócio. De acordo com a Regra, o primeiro dote de

que um discípulo precisa ter para vir a se tornar um abade é ‘o silêncio junto com a humildade’.

A máxima de São Bento se encontra na expressão “*ora et labora*”, podendo perfeitamente ser utilizada também em âmbito empresarial.

“Orar” (do latim *orare* = pregar, do grego *opao* = guarda) não é entendido como oração, mas como vigiar: é uma forma de meditação interior sobre a obra, sobre a ação, sobre o externo. É como se o empresário tivesse um templo interior onde ser ao máximo de si mesmo vigilante. “*Labora*” = trabalha. Portanto: vigia e constrói. Considero que “*ora et labora*” seja um binômio de base à mentalidade superior do empresário (MENEGETTI, 2015, p. 124).

Os monges beneditinos construíam, produziam, confeccionavam, curavam e etc., e com isto transmitiam uma cultura superior e uma construção de riqueza.

2.3 São Francisco de Assis

Nasce em Assis em 1182 de uma família rica, vivendo uma adolescência mundana até o momento que após a sua prisão durante a guerra entre Assis e Perugia, sofrendo uma doença grave, ele decidiu, retornado a Assis em 1205, dedica-se à caridade entre os doentes de lepra e a restauração de igrejas em ruínas.

Francisco, na presença do bispo de Assis, despiu-se das suas ricas vestes e por três anos consecutivos dedicou-se a cuidar dos pobres e dos leprosos nos bosques do monte Subásio. Em 1208 retorna à Assis começando a sua obra de pregação, unindo-se a ele 12 seguidores em sua obra de peregrinação. Esses 12 tornaram-se os primeiros Coirmãos da ordem instituída por ele – os Frades Menores ou Primeira Ordem, e o elegeram o seu superior. A primeira sede foi escolhida a pequena igreja de Porciúncula – em Santa Maria Degli Angeli – a ordem foi reconhecida em 1210 pelo Papa Inocêncio III e dois anos mais tarde, Clara de Assis fundou a segunda ordem Franciscana – as Clarissas.

Em 1219 São Francisco partiu para a quinta Cruzada – esta terminou com a retirada dos cristãos, São Francisco pregou na presença do Sultão, mas a sua tentativa não foi bem sucedida. Em 1220 foi à Terra Santa e retornando foi recebido com discordância entre os seus frades. Demitindo-se da função de superior e fundando a Terceira Ordem Franciscana – Os Terciários. Em 1224, setembro foi para o Monte Verna, passando 40 dias em jejum e sofrimentos, mas, vivido com alegria. Morre em 1226 em Porciúncula.

A obra de São Francisco de Assis, possui um alto teor de espírito social, pois os Frades Menores, eram um partido do povo e já os Terciários era composto pelas pessoas casadas, podendo ser franciscanas de espírito, se observando o voto de castidade: marido e mulher não mantêm relações sexuais por uma livre escolha de dedicação à união com Deus.

São Francisco traz com a sua máxima “*pax et bonum*” (paz e bem), ensinando ao empresário:

Reflita, vigie, estude, levante-se, evolua, afine-te e trabalhe. São Francisco é como se dissesse: assim você terá o resultado da satisfação, alegria e paz dentro de você e produção de bem, de economia e de riqueza também para os outros. “Paz e bem” é um conceito laico, social, não está viciado de religiosidade: é um fato de humanismo radical (MENEGETTI, 2015, p. 128).

São Francisco com a sua saudação “*pax et bonum*” nos comunica que o verdadeiro líder do espírito deve estar em paz e ter bem-estar, para comunicar a paz e o bem estar.

2.4 São Domingos de Gusmão

Nasceu em Caleruega (Velha Castilha) em 1170, estudou Teologia e tornou-se eclesiástico. Em uma viagem à Dinamarca junto com o seu Bispo Diego, São Domingos percebeu que o Evangelho já não era mais anunciado, aumentando assim os prosélitos dos pregadores cátaros. Decidiu assim, conduzir uma missão junto com o bispo, reenvangelizadora, intencionando anunciar o Evangelho nas terras da Europa do Leste. Mas, o Papa enviou ele e o Bispo para o sul da França para contrastar com os cátaros através do exemplo e pregação, nesta viagem o Bispo Diego vem a falecer. Nesta ocasião Domingos decidiu instituir uma nova comunidade, pequena, de freiras dedicadas à vida contemplativa e, e com isto, amigos começaram a reunir-se em torno dele.

Em 1219 foi aprovado pela igreja a ordem dos Frades Dominicanos, entre 1220 e 1221, os mesmos (representantes das diversas comunidades dominicanas) se reuniram com o fim de estabelecer normas comuns. São Domingos morre em 1221 em Bologna, na Itália, fisicamente enfraquecido e cansado por excesso de atividades.

Domingos de Gusmão nasce como intelectual, pregador, mestre de teologia e filosofia, portanto, como expoente do saber como primado. No interior da vida, em seus vários aspectos, o todo, por fim, deve ser centralizado pelo correto saber, isto é, aquele saber conforme a alma, ao intelecto. O mote constante do espírito dominicano é: “*in veritate*” (em verdade) (MENEGETTI, 2015, p. 131).

São Domingos, através da sua mensagem “*in veritate*”, retorna e amplia – o critério de natureza:

Princípio pelo qual há uma ordem universal que me constitui indivíduo, os outros, todo o mundo: a verdade deve ser apreendida do íntimo universal que todo o homem possui (...), o Em Si ôntico (...). É importante que o homem operador de sociedade tenha um contato íntimo com o próprio Em Si ôntico, porque este é o critério individual que deriva do critério universal (MENEGETTI, 2014, p. 66).

3 Método

A presente pesquisa possui caráter teórico e bibliográfico. A pesquisa bibliográfica segundo Fachin (2002), é todo o conjunto de conhecimentos humanos que foram compostos nas obras, tendo como função dar uma condução ao leitor em determinados temas, produções, reproduções e também a comunicação das informações pesquisadas para o desenvolvimento do trabalho. Esta “...compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão proximamente relacionados ao estudo que está sendo relatado” (CRESWELL, 2007, p. 45).

Podemos verificar em Gil (2010, p. 29), que:

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet (GIL, 2010, p. 19).

As demais etapas acerca da metodologia de pesquisa para este estudo serão desenvolvidas e avançadas nos próximos trabalhos de pequenas teses, nos módulos posteriores do curso de Bacharelado em Ontopsicologia.

4 Considerações Finais

Através desta pesquisa de cunho teórico e bibliográfico, verificou-se o quão vasta e rica é a cultura dos mosteiros, rica no seu modo operacional de fazer as coisas, rica no seu modo do saber fazer. E Antonio Meneghetti nos traz a visão dos três santos pela ótica empresarial e laica, de como é possível utilizar os princípios de cada santo para o próprio crescimento pessoal e empresarial. Desta forma pode se concluir que os:

“...princípios 1) *Ora et* 2) *labora* (São Bento de Núrsia) 3) *Pax et* 4) *Bonum* (São Francisco de Assis) 5) *In veritate* (São Domingos de Gusmão) poderiam representar os fundamentos de um humanismo

empresarial, responsável e continuamente funcional a nossa sociedade, hoje e amanhã (MENEGHETTI, 2015, p. 132).

Desta forma é evidente que, se o empresário vigia e trabalha, ou seja, nas suas ações está sempre de vigília, atento, mas ao mesmo tempo se colocando na ação do trabalho, este alcança e faz, a paz e o bem e agindo em verdade consigo mesmo é a si mesmo e não uma marionete da sociedade.

O empresário é sem dúvida a máxima expressão da humanidade. O espírito da criação é um contínuo trabalho. O empresário trabalha sempre porque o trabalho para ele é alcançar, é resolver, é produção, é a capacidade de contribuir as coisas grandes da vida, mas também uma capacidade de contínua autocriação (MENEGHETTI, 2013, p. 465).

Verificamos, portanto, que estes princípios podem servir como diretivas norteadoras tanto para a formação de jovens no viés da Pedagogia Ontopsicológica e na lógica da Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística (FOIL), bem como para a contínua formação e atividade profissional dos empresários, líderes em nossa sociedade contemporânea, criando “um novo humanismo do trabalho, que exalta a liberdade do homem, a sua criatividade e os seus dotes intelectuais e morais”², enobrecendo a lógica de ação e de saber do Humanismo Perene.

Referências

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEGHETTI, A. **Arte, sonho e sociedade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENGHETTI, A. **Psicologia Empresarial**. São Paulo: FOIL, 2013.

² Em “Nossa Cultura”: Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística, <http://www.foil.com.br>, acesso em: 13 fev. 2016.